

# A CIDADE E OS BANGUÊS: MAPEAMENTO E ESTUDO DE REMANESCENTES DE ENGENHOS NO MUNICÍPIO DE MACEIÓ

Ana Clara Guimarães Dias da Silva<sup>1</sup>

Beatriz Cristina Correia de Sá<sup>2</sup>

Bianca Machado Muniz<sup>3</sup>

Arquitetura e Urbanismo



cadernos de  
graduação

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

A colonização e ocupação do território no Brasil teve início a partir da construção de complexos produtores de açúcar, que refletiram no desenvolvimento econômico, social e político do país. Em Alagoas, vários núcleos populacionais nasceram e cresceram em decorrência dos engenhos de açúcar. O surgimento de sua capital, Maceió, foi marcado também pela existência de um engenho. Ou seja, o engenho não era apenas produtor de açúcar, mas também consistia em um núcleo social e cultural, a partir do qual poderiam surgir povoados, vilas e cidades. Contudo, com o surgimento das usinas e crescimento dos núcleos urbanos, os antigos engenhos gradativamente deixaram de funcionar, e foram esquecidos. Entretanto, as antigas propriedades outrora produtoras de açúcar, não deixaram de existir, e muitas vezes ainda guardam resquícios dos tempos de funcionamento dos banguês. Desta forma, este artigo se propõe a apresentar os trabalhos de localização desses complexos no município de Maceió, a partir de estudos e reconhecimento de seus possíveis remanescentes, a fim de resgatar a memória e a história da cidade. Para realização deste trabalho, teve como metodologia pesquisas bibliográficas, manipulação de mapas, criação de infográfico, além de pesquisas feitas em almanaques do século XIX e em sites. Assim, foi possível mapear prováveis localizações de engenhos, e levantar a história de cinco deles. Acredita-se que este trabalho possa contribuir para o reconhecimento, valorização e conservação da memória dessas edificações, como também da história da cidade.

## PALAVRAS-CHAVE

Engenhos de açúcar; Valorização; Patrimônio Histórico.

## ABSTRACT

The colonization and occupation of the territory in Brazil began with the construction of complex sugar producers, which reflected in the country's economic, social and political development. In Alagoas, several population centers were born and grew as a result of sugar mills. The emergence of its capital, Maceió, was also marked by the existence of a mill. In other words, the mill was not only a producer of sugar, but also consisted of a social and cultural nucleus, from which villages, towns and cities could arise. However, with the appearance of power plants and the growth of urban centers, the old mills gradually stopped working, and were forgotten. However, the old properties that once produced sugar, did not cease to exist, and often still retain traces of the times of operation of the banguês. Thus, this article proposes to present the work of locating these complexes in the city of Maceió, based on studies and recognition of their possible remnants, in order to rescue the memory and history of the city. In order to carry out this work, the methodology used was bibliographic research, map manipulation, creation of an info graphic, in addition to research carried out in 19th century almanacs and on websites. Thus, it was possible to map probable locations of engenhos, and to survey the history of five of them. It is believed that this work can contribute to the recognition, appreciation and conservation of the memory of these buildings, as well as the city's history.

## KEYWORDS

Sugar mills; Valuation; Historical Heritage.

## 1 INTRODUÇÃO

A colonização do Brasil iniciou-se com a construção de engenhos e o crescimento numérico destes refletia não apenas no desenvolvimento econômico, mas também no social, político e demográfico. Eram propriedades rurais que englobavam as diversas atividades necessárias à produção açucareira, desde o cultivo da matéria-prima, a cana, até o encaixotamento do produto final, o açúcar. Não constituíam apenas a base econômica, mas também os mais importantes núcleos sociais durante os primeiros séculos do Brasil Colônia (DIÉGUES JÚNIOR, 1952, p. 2).

No território que atualmente corresponde ao estado de Alagoas chegaram a existir diversos engenhos. A própria capital do estado, a cidade de Maceió, surgiu de um complexo produtor de açúcar existente na área corresponde à sesmaria de Manoel Antônio Duro, recebida de uma doação proveniente de Diogo Soares, alcaide-mor de Santa Maria Madalena, atual Marechal Deodoro. Por volta de 1609 já havia na atual praia de Pajuçara uma pequena casa, provavelmente correspondente à morada do dono da sesmaria (COSTA, 1981, p. 7).

Tendo se tornado vila em 5 de dezembro de 1815, sua história foi decisivamente influenciada pela emancipação política de Alagoas, ocorrida em 1817, quando o então governador Sebastião de Melo e Póvoas iniciou o processo de transferência da capital para Maceió, que culminou com a sua conversão em capital no dia 16 de dezembro de 1839.

O engenho que originou a cidade, porém, não foi o único existente nas imediações. Documentos antigos apontam para a existência de 55 engenhos no município de Maceió no ano de 1849 e, ainda, 34 no ano de 1894. Com o crescimento da capital, tem se perdido a memória da existência destas edificações, e, infelizmente muitos documentos sobre o assunto foram perdidos e destruídos ao longo do tempo (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p. 27).

Assim, este artigo se propõe a apresentar a localização destes antigos engenhos a partir de estudos e reconhecimento de seus possíveis remanescentes, bem como expor informações históricas desses complexos, a fim de resgatar a memória e a história da cidade.

Para realização do trabalho, a pesquisa foi baseada principalmente no estudo de fontes históricas, como as referências bibliográficas. Também foram feitas visitas, com o objetivo de entender, na prática, sobre os complexos do engenho, além de realizar listas e elaborar um infográfico.

O artigo está estruturado em tópicos, iniciando pela abordagem dos conceitos históricos, na sequência, mostrando sobre o processo de estudo e mapeamento, finalizando com os resultados e as discussões.

## 2 AS MOLDURAS DO PASSADO

Em Alagoas, vários núcleos populacionais nasceram e cresceram em decorrência dos engenhos de açúcar. Porto Calvo, primeiro, logo depois desdobrando-se em Camaragibe, São Bento, São Luiz do Quitunde, Porto de Pedras, e mais tarde, multiplicando-se nas regiões do Pilar, Santa Luzia, Maceió, São Miguel e Anadia (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p. 25). Dessa forma, essas regiões encontram nas fábricas do açúcar o ponto de partida da sua colonização.

No Nordeste, a formação de vilas e cidades, a defesa do território, a repartição de terras, o trato com os indígenas, as relações entre várias categorias sociais, enfim, todas as instâncias da vida colonial delinearam-se, desde o século XVI, a partir do complexo produtor do açúcar. (FERLINI, 1994, p. 27).

Desde o seu início, em fins do século XVI, a produção de açúcar no território alagoano alternou momentos de instabilidade e recessão com outros de lucro e abundância. Porém a crise que se iniciou no final do século XIX, reuniu vários entraves que quase culminaram em sua extinção. Um deles foi a abolição da escravatura, que deixou as propriedades sem a necessária mão de obra. Outro foi a dificuldade de

escoamento do produto: com os engenhos sendo fundados cada vez mais longe da costa, nem sempre era possível o transporte fluvial da produção, o que destacou a carência de estradas ou vias para fazer o produto chegar no porto.

Finalmente, as inovações tecnológicas, que, embora inicialmente tenham permitido uma modernização e maior rendimento dos processos de produção do açúcar, posteriormente acarretaram o surgimento das usinas, que gradativamente tornaram os banguês obsoletos. A partir daí vários proprietários de engenhos se uniram para fundar estas novas usinas. Aqueles que não puderam fazê-lo, viram suas propriedades tornarem-se meras fornecedoras de cana.

Apesar do declínio e desaparecimento dos engenhos do cenário econômico, Diégues Júnior (1952, p. 4) destaca dentro desta moldura histórica, por meio de quatro séculos, a importância do engenho de açúcar na vida nacional: importância social, política, econômica ou demográfica, que ainda hoje se projeta no nordeste agrário. Assim, não parece acreditável que possa existir uma história das Alagoas sem o açúcar (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p. 26) visto que, esse meio de produção influenciou muito no desenvolvimento e crescimento do estado.

### 3 CONHECER E MAPEAR OS ENGENHOS: METODOLOGIAS

Com o objetivo de reconhecer os lugares com possibilidade de existência de remanescentes de engenhos no município de Maceió, uma das principais metodologias utilizadas no trabalho foi a visita a regiões próximas, onde existiam engenhos no passado, com o objetivo de entender e ver na prática o que está sendo pesquisado.

Essa visita foi realizada ao município de São Luiz do Quitunde-AL, onde foi possível conhecer os engenhos Castanha, Guindaste, Pacas e Roncador. Embora estes engenhos não façam parte do recorte geográfico desta pesquisa, a ida a campo serviu para entender melhor as configurações desses complexos.

Além das visitas de campo, este trabalho tem como base o estudo de fontes históricas, tanto textuais como iconográficas. No que diz respeito às pesquisas bibliográficas, podemos citar algumas referências indispensáveis que contribuíram para sustentação teórica e prática, com o objetivo de discutir sobre o assunto estudado, possibilitando traçar um quadro teórico e conceitual, juntando a análise de dados e as informações coletadas, como, os livros *Banguê nas Alagoas* (DIÉGUES DIÉGUES JÚNIOR 2006), *O Engenho de açúcar no Nordeste* (DIÉGUES JÚNIOR, 1952); *A Civilização do Açúcar* (FERLINI, 1994) e *Menino de Engenho* (REGO, 1957), embora este seja um romance, sabe-se que o mesmo se inspira em experiências pessoais do autor, portanto, ainda que de forma ficcional, aborda o cotidiano do engenho.

Além das metodologias descritas acima, também foram utilizadas várias listas de engenhos existentes no município de Maceió, do livro de Moacir Medeiros de Santana *Contribuição à história do açúcar em Alagoas, dos anos de 1849 e 1859*; Como também os *Almanak da Província das Alagoas*, referentes aos anos de 1873, 1880 e 1894.

Com a utilização desses documentos, foi possível listar e transcrever os nomes dos engenhos e de seus proprietários em um arquivo on-line, a fim de realizar uma

comparação com as propriedades rurais existentes no mapa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2014.

Dessa forma, foram identificadas e pontuadas no mapa 11 fazendas com nomes de antigos engenhos e, desse modo, realizado um infográfico. Por fim, foi realizada uma pesquisa em sites, documentos e bibliografias com relação aos nomes e localização das fazendas, possíveis complexos de açúcar, sendo realizado um banco de dados com fichas de cada engenhos e suas informações históricas.

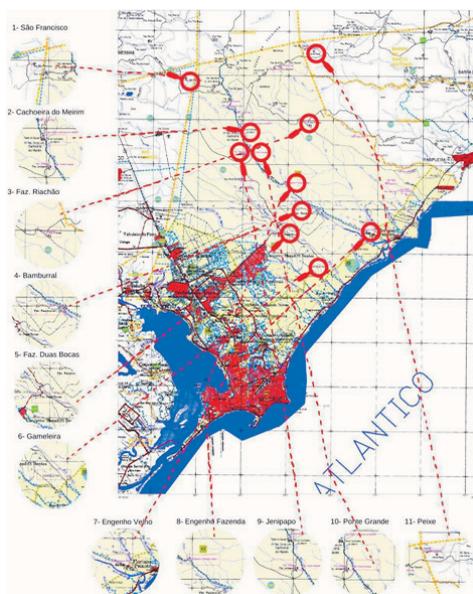
#### 4 LOCALIZAÇÃO DOS ENGENHOS POR MEIO DOS TOPÔNIMOS

Foi possível realizar, utilizando listas de engenhos referentes aos anos de 1849, 1859, 1873, 1880, e 1894, uma tabela (TABELA 1) com os nomes dos engenhos que existiram em Maceió nos respectivos anos.

Nestas listas, é possível ainda fazer uma análise da quantidade de engenhos existentes no município. Em 1849, existiram 54 engenhos, em 1859, 55, em 1873, 44, em 1880, 50 e em 1894, 34. Assim, é possível analisar que a diminuição da quantidade de engenhos se deu a partir do seu declínio e desaparecimento, alguns se transformaram em usinas e outros em fazendas produtoras de cana.

Foi possível achar, comparando com o mapa do IBGE de 2014, 11 fazendas, (FIGURA 1), com nomes iguais a antigos engenhos. Sendo eles, São Francisco, Cachoeira do Meirim, Riachão, Duas Bocas, Bamburral, Gameleira, Peixe, Jenipapo, Ponte Grande, Fazenda e Engenho Velho. Na Tabela 1, pode-se ver a listagem dos engenhos registrados em Maceió nas listas citadas, bem como os respectivos anos em que eles são mencionados.

**Figura 1** – Mapa do IBGE



Fonte: IBGE (2014), modificado pelas autoras.

Tabela 1 – Listagem dos engenhos registrados em Maceió nos anos de 1849, 1859, 1973, 1880 e 1894

Nome do Engenho	Ano					Nome do Engenho	Ano				
	1849	1859	1973	1880	1894		1849	1859	1973	1880	1894
Água Clara	X					Amisade			X	X	X
Amolar	X					Amorzinho	X	X			
Ascaris					X	Aurora		X	X	X	X
Bamburral		X	X	X	X	Barra do Peixe	X				
Barro Vermelho		X				Belem		X			
Bom Conselho		X	X	X		Bom Jardim		X	X	X	
Cachoeira		X	X	X		Cachoeira de Feijó	X			X	
Cachoeira do Meirim	X	X			X	Canôa			X	X	
Canôas	X	X			X	Cantinho	X	X	X	X	X
Canudos		X				Castanha		X			
Castanha Grande	X					Castanha Pequena	X				
Cipriano		X				Cobra	X	X	X	X	
Conceição	X					Coronha	X				
Cypriano			X			Dois Galhos	X				
Dois Irmãos	X					Duas Barras		X	X	X	
Duas Bocas	X	X	X	X	X	Engenho Novo	X	X			
Engenho Velho	X	X		X	X	Fazenda	X	X	X	X	X
Fernão Velho	X					Flamenguinha	X	X	X	X	
Flor do Bosque	X			X		Flor do Mirim	X				

Nome do Engenho	Ano					Nome do Engenho	Ano				
	1849	1859	1973	1880	1894		1849	1859	1973	1880	1894
Flor do Riachão	X					Fortaleza			X	X	
Frexeiras	X	X	X	X		Gelandim		X			X
Gameleira	X					Gavião	X				
Genipapo		X	X	X	X	Golandim		X	X	X	
Incendiado					X	Jenipapo	X	X			
Jetituba	X					Jussára					X
Lagoa Vermelha	X	X	X	X	X	Laranjeira	X	X			
Lata	X	X	X	X	X	Mariangá			X	X	X
Mariópolis			X	X	X	Milagres			X	X	X
Mubumca	X					Muriangá			X		
Oriente		X	X	X	X	Paraíso	X				
Pararis				X		Pedra Grande		X	X	X	
Peixe		X	X	X		Peixinho		X			
Piabas	X					Piabinha		X	X	X	X
Pimenteiras	X					Poço Grande	X	X	X	X	
Ponte Grande	X	X	X		X	Prata	X	X			
Prata ou Buraco	X	X				Pratagi da Praia		X	X	X	X
Pratagi Grande		X	X	X	X	Prazeres		X	X	X	
Queimado	X					Retiro	X	X			
Riachão	X	X		X	X	Riacho Grande		X	X	X	X
Rio do Meio	X	X	X	X	X	Rio Prata					X
Roncador		X				Roncador de Cima			X	X	

Nome do Engenho	Ano					Nome do Engenho	Ano				
	1849	1859	1973	1880	1894		1849	1859	1973	1880	1894
S. Ant. dos Montes	X	X	X	X		S. Bárbara do Roncador	X		X	X	
S. Bento ou Cobra					X	S. Cruz	X	X	X	X	
S. Cypriano				X	X	S. Francisco					X
S. João	X	X	X	X		S. José	X		X		
S. Rita	X	X	X	X	X	S. Salvador		X	X	X	
S. Cipriano	X					S. José da Boa Vista	X				
Serra d'água					X	Serra Verde		X	X	X	
Sossêgo	X					Trapiche	X	X	X	X	X
Tres Bocas					X	Triunfo		X	X	X	
Velho			X			Victoria		X	X	X	

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

## 5 OS ENGENHOS, SEUS PROPRIETÁRIOS E SUAS HISTÓRIAS

Após a análise dos mapas e a realização do infográfico, dentre as 11 fazendas encontradas com nomes de antigos engenhos, foram escolhidas 5 para um estudo mais aprofundado, sendo elas, Cachoeira do Meirim, Ponte Grande, Riacho Grande, Bamburral e Duas Bocas. Embora não tenha sido possível levantar muitas informações, apresentamos a seguir aquelas que foram encontradas.

A primeira pesquisa foi voltada ao nome Cachoeira do Meirim. Analisando a lista de 1859, o nome do proprietário é José Miguel de Vasconcellos, porém, nas demais listas, não aparece mais o seu nome. Embora não tenham sido encontrados registros que justifiquem essas evidências, algumas hipóteses podem ser levantadas como a possibilidade de os engenhos terem trocado de nome e dono. Também há registros que nos anos de 1960, esse antigo engenho tenha virado uma usina, Usina Cachoeira do Meirim, que ainda existe atualmente.

Dando seguimento ao estudo, o engenho Ponte Grande pode ser visto tanto nas listas dos anos de 1849 e 1859, como nos almanaques de 1873 e 1894. De acordo com os esses documentos, seu proprietário em 1859 e 1873 era o Tenente-coronel José Vieira de Araújo Peixoto e em 1894 era Alexandre Marinho de Araújo.

Ao pesquisar um pouco mais sobre a história do engenho, Diégues Júnior (2006), relata em seu livro *O Bagué nas Alagoas* (2006, p. 24) que, o governo da província mandou para o Rio de Janeiro o senhor de engenho, José Vieira de Araújo Peixoto, para estudar um novo sistema de plantação, levando grande vantagem para seu engenho, Ponte Grande. Porém, foi interrompida pelo surto de cólera e as condições do tempo. Nesse mesmo período, perdeu vários escravos devido à epidemia. Relata também, que em 1844, na rebelião Cabanada, Peixoto teria comandado as tropas que atacaram a capital.

Segundo Diégues Júnior, no engenho alagoano Riacho Grande (FIGURA 2), nasceu o Marechal Floriano Peixoto “A espada de pau do menino de engenho haveria de transformar-se, como se transformou, na espada do soldado que defenderia a Pátria no Paraguai e consolidada as instituições republicanas na hora em que se perigariam” (DIÉGUES JÚNIOR, 2006 p. 278). José Vieira de Araújo Peixoto, dono do engenho Ponte Grande, era pai de Josina Peixoto, prima-irmã, que foi casada com Floriano Peixoto. Dessa forma, percebe-se que os engenhos Ponte Grande e Riacho Grande, tinham parentesco entre si, pertencendo assim, a família Peixoto.

Esse é um dos poucos engenhos dos quais foi possível localizar uma iconografia. Na Figura 2 é possível encontrar, segundo Macyel (1828), a casa grande do engenho Riacho Grande. Sendo assim, pode ser analisada sua topografia, localizada no nível mais alto do terreno, com toda a visão das terras, como também, o típico telhado de telha colonial dividido em quatro águas e com uma varanda ao seu redor, possuindo também algumas janelas.

É possível analisar uma construção que se encontra na área mais baixa do terreno, do lado esquerdo da casa grande. Consiste em uma estrutura, aparentemente de madeira, que não foi possível identificar com exatidão. Ela é composta de um elemento horizontal, que está apoiado sobre vários elementos verticais, se assemelhando à relação entre vigas e pilares (de madeira). Poderia ser tanto uma espécie de ponte, como um aqueduto, mas também alguma estrutura remanescente de uma construção arruinada.

Apesar de não ser possível identificá-la com exatidão, a imagem continua sendo preciosa como registro do engenho, pois, a partir de outras informações que podem vir a surgir com a continuidade das pesquisas (a partir de uma visita, ou da localização de outras imagens ou relatos), tais hipóteses podem ser melhor elucidadas.

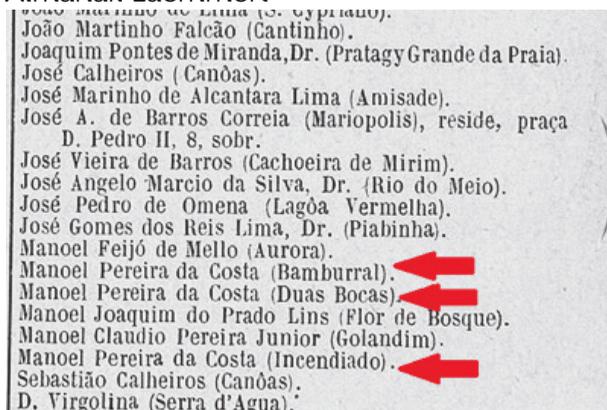
**Figura 2** – Casa Grande do Engenho Riacho Grande



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/floriano-menino.html>.

O próximo engenho pesquisado é o de nome Bamburral, existente na lista dos anos de 1859, 1873, 1880, 1894, e Duas Bocas, existente na lista dos anos de 1849, 1859, 1873, 1880, 1894. É possível fazer uma breve análise, pegando as listas dos almanaques. Nelas, observa-se que esses engenhos pertenceram a Manoel Pereira da Costa, o qual era dono de mais outro engenho, de nome Incendiado, que está presente na lista de 1894. Abaixo, pode-se verificar a lista do Almanak Laemmert, onde comprova que Manoel tinha os três engenhos citados.

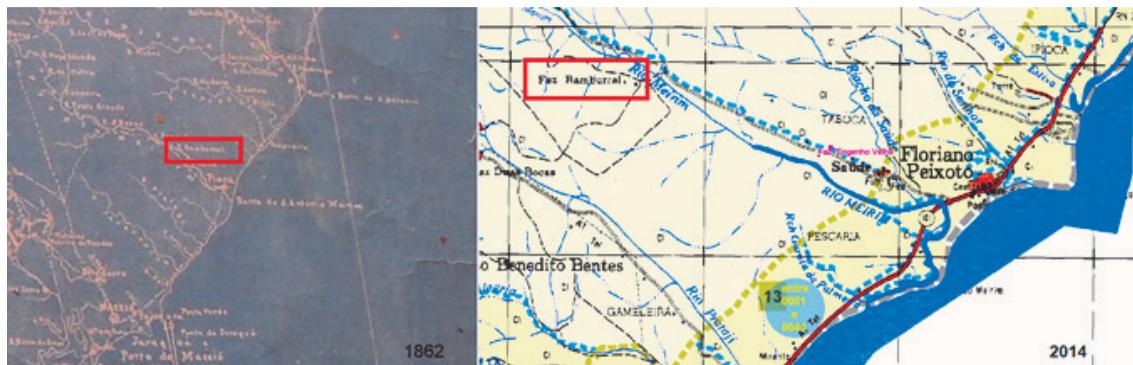
**Figura 3** – Lista do Almanak Laemmert



Fonte: Almanak Laemmert (1901).

Ainda sobre o Bamburral, comparando a localização do antigo engenho na carta topográfica de Mornay de 1862, com a fazenda localizada durante a pesquisa no mapa do IBGE de 2014, é possível observar que as duas localizações se encontram muito próximas, como pode ser visto na Figura 4. Assim, pode ser considerado que essa informação consiste em uma forte evidência de que a Fazenda Bamburral localizada no processo de pesquisa, corresponde ao antigo o Engenho Bamburral.

**Figura 4** – Mapa de 1862 e mapa de 2014



Fonte: Mornay (1862); IBGE (2014).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do estudo realizado, foi possível visitar remanescentes de antigos engenhos na região vizinha, São Luiz do Quitunde, com o objetivo de entender sua configuração e analisar na prática tudo que foi estudado como base, no referencial teórico. Também foram realizadas listas dos antigos engenhos e seus anos de existência, levando ao mapeamento de onze fazendas encontradas a partir do mapa do IBGE, que provavelmente podem ter sido engenhos no passado, servindo assim como possíveis remanescentes para o estudo desses complexos.

Além disso, a pesquisa permitiu levantar informações de 5 prováveis engenhos no município de Maceió, sendo eles: Cachoeira do Meirim, Ponte Grande, Riacho Grande, Bamburral e Duas Bocas, pesquisando e descobrindo seus proprietários, suas histórias e o mapeamento de sua possível localização.

Assim sendo, espera-se que o levantamento de dados históricos sobre os engenhos maceioenses contribua para o reconhecimento, valorização e conservação da memória destas edificações, cuja memória vem sendo ignorada e esquecida.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Mariana Freitas Cavalcanti de. **A memória do patrimônio intangível em Ipioca, através de seus narradores**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013
- ALMANAK Administrativo da província as Alagoas: para o anno de 1880. Maceió: Typographia Social de Amintas & Filho, 1880. Nonno anno.
- ALMANAK da província as Alagoas: para o anno de 1873. Maceió: Typ. Social de Amintas & Soares, 1873. Anno segundo.
- ALMANAK do estado as Alagoas: para 1894. Maceió: Typographia da Empreza Gutenberg, 1894. Anno XXI.
- ALMANAK Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940. Rio de Janeiro, 1901.
- BIBLIOTECA do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/alagoas/maceio.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- COSTA, Craveiro. **Maceió**. 2. ed. Maceió: Serviços Gráficos de Alagoas S/A - SERGASA, 1981.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **A civilização do açúcar**. 11. ed. São Paulo, 1994.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O engenho de açúcar no Nordeste**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1952.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O banguê nas Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2006.

MACYEL, Aurino. Floriano menino (1928). In: **História de Alagoas**. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/floriano-menino.html>. Acesso em: 29 jul. 2020.

MORNAY, Carlos. **Carta topográfica da Província das Alagoas que de ordem do Exm. Sr. Dr. Antônio Alves de Souza Carvalho, D. Presidente da Prov.** Maceió, 1862.

REGO, José lins do. **Menino de engenho**. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympeo Editora, 1957.

UNIÃO Social Camiliana. **Manual de orientações para trabalhos acadêmicos**. 3. ed. rev. amp. São Paulo: Centro Universitário Tiradentes, 2012.

SANTANA, Moacir Medeiros de. **Contribuição à história do açúcar em Alagoas**. Recife: Museu do açúcar, 1970.

---

**Data do recebimento:** 12 de junho de 2020

**Data da avaliação:** 17 de setembro de 2020

**Data de aceite:** 17 de setembro de 2020

---

---

1 Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: clara2014.0@outlook.com

2 Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: biahsa@hotmail.com

3 Mestra; Professora orientadora, Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: bianca602@outlook.com